

# CADERNOS DE **ESTUDOS AÇORIANOS**

Suplemento # 11 - junho 2017 **URBANO BETTENCOURT** 

Todas as edições em www.lusofonias.net

Editor AICL - Colóquios da Lusofonia

Coordenador CHRYS CHRYSTELLO

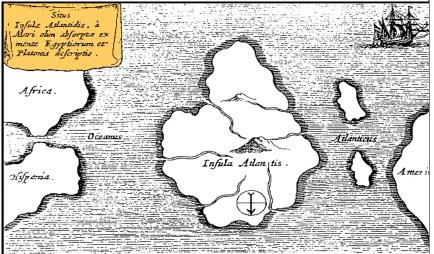
CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia e é usado em todos os textos escritos após 1911 (data do 1º

Acordo Ortográfico)





Editado por COLÓQUIOS DA LUSOFONIA (AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA) Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115



Nota introdutória do Editor dos Cadernos,

Os suplementos aos Cadernos Açorianos servem para transcrever textos em homenagem a autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia, pelos seus participantes ou até Pelos próprios autores.

Hoje este Suplemento # 11 é dedicado a MANUEL URBANO BETTENCOURT MACHADO

### 1. ÁLAMO OLIVEIRA, ESCRITOR, TERCEIRA, AÇORES. 27° COLÓQUIO DA LUSOFONIA BELMONTE 2017

### TEMA: 3.1. A KRÍTIKA PUÉTIKA, SOBRE UM TEXTO DE URBANO BETTENCOURT, O GATO QUE NÃO TINHA CAMA SUA

Em 1958, no suplemento de Artes e Letras «Quarto Crescente» (jornal «A União») Urbano Bettencourt fez publicar um texto que, só aparentemente, parece arreliar o leitor.

Alguns anos mais tarde, o autor repescou esse texto e devolveu-lhe a importância literária e técnica a que tinha direito. Como se sabe, Urbano Bettencourt é um dos melhores críticos da Literatura açoriana.

#### TEMA: 3.1. O GATO QUE NÃO TINHA CAMA SUA

A primeira metade da década de 80 do século passado, mostrou uma ampla preocupação com a afirmação da existência de uma literatura açoriana. Os vários suplementos de Artes e Letras que, então, se publicavam nos jornais dos Açores, revelam uma polémica que, parecendo útil, teve um desfecho que só muito mais tarde veio a ser tido em linha de conta. Isto é: ultrapassaram-se grandes e científicos argumentos derramados através da ciência académica das ilhas e do continente e a Universidade dos Açores passou a ter uma Cadeira de Literatura Açoriana, que foi bastante precedida pela Brown University, através de Onésimo Teotónio Almeida, verdadeiro pioneiro do ensino da fantasmática Literatura.

Aliás, Onésimo Almeida dera, na primavera de 1983, uma espécie de indefensável pontapé de saída, promovendo e organizando, através do Departamento de Estudos Brasileiros e Portugueses da Brown, dirigido, na altura, pelo Professor George Monteiro, o *I Simpósio sobre a Literatura Açoriana*, que se estendeu a várias universidades da Costa Leste americana e canadiana, bem como a algumas comunidades de predominância açoriana no grande estado da Califórnia.

Lembre-se que esta discussão, tão pública quanto académica, chegou após a expansão editorial acontecida sob os auspícios da Secretaria da Educação e Cultura dos Açores, orientada pela preocupação de mostrar que a Cultura açoriana, tendo o folclore como uma mais valia de unidade sociocultural, podia também relevar a produção literária, nomeadamente a da poética, dos escritores e poetas açorianos, residentes ou não, alguns com nome já reconhecido e outros a emergir como canteirinho de nabos sadios.

Culturalmente, os primeiros governos dos Açores procuraram valorizar, e até sobrevalorizar, tudo quanto podia contribuir para o aperfeiçoamento do desenho duma identidade do povo açoriano, de forma a justificar a jovem autonomia.

E houve ajudas: em 1977, Pedro da Silveira publicou, através da editora Sá da Costa, a *Antologia de Poesia Açoriana do Século XVIII a 1975*. O seu prefácio despoletou, de uma vez por todas, aquilo a que se chamou a «questão da literatura açoriana». Em 1984, o poeta Emanuel Jorge Botelho publicou, na Imprensa Nacional — Casa da Moeda, uma criteriosa antologia com uma dúzia de poetas, a que chamou *Sempre disse tais coisas esperançado na vulcanologia*. Um longo posfácio, assinado por Luís de Miranda Rocha,

justifica a presença dos 12 poetas, ressalvando que os ausentes também poderiam ter marcado presença sem qualquer desmerecimento.

No entanto, a escolha de Emanuel Jorge Botelho não foi inocente. Ela assentou no grupo de poetas que dera voz à contestada guerra colonial e que se opusera à desenfreada emigração. Esse grupo tinha também a particularidade de apresentar uma diferença de idades muito curta, podendo dizer-se que eram todos da mesma geração, quase.

Aos temas mais tratados pelo grupo escolhido por Emanuel Jorge Botelho, na altura da publicação da antologia, acrescente-se a atenta observação aos primeiros passos socioculturais da autonomia. (Isto dito assim parece uma observação de *Monsieur de la Palisse*, mas importa lembrar que a autonomia não foi uma conquista popular, mas uma conquista dos políticos consentida pelo povo.

Ainda hoje o povo açoriano tem pouco a dizer sobre as conquistas da autonomia. Continuam a dar-lhe com uma mão o que lhe tiram com a outra). Mas andava-se à procura de quem fosse capaz de desmontar a postura demasiado circunspeta da escrita dos autores açorianos. Os que ousavam manifestar a sua opinião também não saíam da seriedade de opiniões, quase sempre emocionais e pouco estruturadas criticamente.

A «questão da literatura açoriana» durou anos e contou com combatentes de grande mérito. Mas não é este o propósito desta intervenção que apenas pretende lembrar que o humor andou bastante arredado desta discussão. Sem humor, os temas, por mais importantes que sejam, funeralizam-se a si próprios. Lembre-se, como exceção, o texto «Subsídios para o estudo das literaturas islenhas», de Vasco Pereira da Costa, publicado na revista «Vértice», nº 448 (maio-junho, 1982), e republicado no livro A Questão da Literatura Açoriana, organizado por Onésimo Teotónio Almeida, sendo o título 32 da Coleção Gaivota, da Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1983.

Os suplementos de Artes e Letras dos jornais açorianos – entre eles, «Quarto Crescente» do jornal «A União» – continuaram a dar espaço a este tema. No número 123 do suplemento agora citado, de 8 de novembro de 1985, foi publicado um texto de Urbano Bettencourt que, aparentemente (só), parecia estar fora da discussão. Vinte e cinco anos mais tarde, esse texto viu a sua primeira autoria ser outorgada para um tal Ernesto Gregório, que escreveu um longo obituário sobre o poeta Joaquim António da Silva. No texto assinado por Urbano Bettencourt, o poeta chamava-se também Joaquim, mas com os apelidos «da Ponte Levadiça».

Estas alterações não passam de minudências se comparadas com o título primeiro que, vistas bem as coisas, poderá ter despoletado o mais recente acordo ortográfico. A *Krítika* (com 2 ks) *Puétika* (pu com u e mais 1 k) – título desaparecido na versão do livro *Que Paisagem Apagarás*, edição Publiçor, 2010 – tem, nas duas publicações, um ponto comum: a análise minuciosa à primeira estrofe de um poema cuja autoria é dos «dois poetas-um» já mencionados e que faz o enunciado da posse linguística, não em termos ortográficos, mas em termos ideológicos e geográficos.

Fis a estrofe:

Gato que mijas na cama Como se fosse na rua Não faças disso um drama Porque a cama não é tua.

Ficaram intrigados os dois críticos (Urbano e Ernesto) pelo facto de a quadra ter exatamente quatro versos e de ser escrita em português. Segundo eles, «trata-se de uma língua cada vez mais rara e que apenas vai sobrevivendo naquelas comunidades e regiões (Ilhéus da Madalena, Ilhéus das Cabras, por exemplo) a que ainda não se tornou extensivo o ensino do português.»

O poeta morto (o Joaquim) – homem de muitos saberes doados em explicações para todos os graus de ensino, desde o primário ao superior – legou uma poesia de «intervenção moralizante» e «psicologicamente aliviadora», apesar do despeito por um amor não correspondido, cabendo ao gato conseguir a desforra.

Os dois críticos propõem ainda, ao leitor, um exercício de arbitrariedade estrutural dos quatro versos, ficando a quadra assim refeita:

Porque a cama não é tua Não faças disso um drama Gato que mijas na cama Como se fosse na rua.

Dizem que os censores (tanto os oficiais como os oficiosos) nunca permitiram a publicação desta quadra. Desavergonhadamente, deram-se ao luxo de a substituir por outra de poeta «praticamente desconhecido», assim:

Gato que brincas na rua Como se fosse na cama Invejo a sorte que é tua Porque nem sorte se chama.

O espólio do poeta é grande – dizem: três sacas da América cheias de inéditos.

O texto de Ernesto Gregório mereceu, da parte da viúva de Joaquim António da Silva, um longo esclarecimento. Escreveu D. Doroteia Benevides da Silva que é falsa a estória das três sacas da América. O próprio poeta comprou em Lisboa um baú de tamanho pessoano para depósito do seu espólio. Elucidou ser falso o amor não correspondido. Ela assegura quarenta anos de felicidade e o resto resultou de más leituras e de interpretações erróneas. D. Doroteia garantiu também a isenção político-partidária do seu marido-e-poeta Joaquim.

Que Paisagem Apagarás, tal como Algumas das Cidades (edição do Instituto Açoriano de Cultura, 1995) são livros que contêm textos que mereceram ser revisitados por Urbano Bettencourt, colhendo reescritas que trouxeram sorrisos coloridos por desvendamentos psicossociais e que têm o condão de evitar o uso das máscaras da sisudez, se bem que, por vezes, se fique na fronteira do riso amargo ou do britânico humor negro. Curiosamente, o humor de Urbano Bettencourt é bastante coloquial e é raro não ser entendido na sua

real interpretação. Cáustico, sarcástico, negro, amarelo, cor-de-rosa, o humor quando chega ao destino é camaleónico. Fica moldado no recetor.

É fácil pensar que textos desta natureza são de construção libertina. Mas não são. Atrás do que nos parece leviano fica uma crítica cheia de ensinamentos, desde os conteúdos à forma, onde se procura o equilíbrio entre o que importa dizer e a roupagem vocabular de que o autor se serve para destacar essa importância. As incursões por uma escrita bem-humorada assentam em bases sólidas autenticadas pela teorização de princípios literários e linguísticos.

Como se sabe, Urbano Bettencourt pôde desenvolver o seu poder de crítico, não só através da vocação sábia dos processos analíticos da «causa» literária, como teve a oportunidade de equacionar os seus saberes com os que foi adquirindo e aplicando pedagogicamente através do ensino, a nível universitário, da literatura açoriana.

Por isso, todos devem a Urbano Bettencourt a generosidade do mais abrangente conhecimento do que é a literatura açoriana, sem preconceitos advindos de teorizações e entendimentos academicamente dogmáticos, mesmo que lhe assistam todas as razões e não se justifique essa definição, que não morrerá de solidão caso ela se fique fronteirada pelo regionalismo. A história da Literatura portuguesa ficará enriquecida se permitir e desenvolver a existência de uma geografia literária povoada de diferenças de conceitos e de expressão.

São estas as linhas que Urbano Bettencourt usa na costura de análises críticas que tem vindo a fazer sobre o conceito de Literatura açoriana. E não está sozinho. Com ele, entre outros, estão Onésimo Almeida, José Martins Garcia (atenção ao espantoso ensaio de Urbano sobre Martins Garcia a sair muito em breve), José Enes, Pedro da Silveira, Vamberto Freitas, António Machado Pires. Cada um, à sua maneira, tem vindo a deixar a marca que define uma literatura, que vem a crescer e a andar por si própria, amadurecendo de forma sadia sem que se pressinta que a globalização a faça definhar.

A *krítika puétika*, com ks e u, de Urbano Bettencourt, tem essa missão profética de anunciar uma nova forma de aceitar e integrar as, então, consideradas marginalidades literárias e, por isso, tidas como sem importância.

Atualmente, essa importância continua a tentar atravessar o cabo da boa esperança, apesar do adamastor persistir vigilante, crivando as entradas com diatribes de má semântica, sem que se lhe reconheça qualquer critério de qualidade. E conclua-se: afinal, o gato já tem cama sua.

Raminho, fevereiro de 2017, Álamo Oliveira

### 2. BRITES ARAÚJO, ESCRITORA, GRACIOSA, AÇORES. 27º COLÓQUIO DA LUSOFONIA BELMONTE 2017

## TEMA 3.1. ALGUNS ASPETOS DA IRONIA NA CONSTRUÇÃO DE SANTO AMARO SOBRE O MAR, DE URBANO BETTENCOURT

Quando, em setembro passado, pensei na possibilidade de abordar alguns aspetos do humor na obra de Urbano Bettencourt, não percebi as reais proporções dessa empresa. Uns meses mais tarde, quando vim a percebê-las, já nada havia a fazer: incauta, falara dessa possibilidade ao Chrys Chrystello que, com a rapidez que se lhe conhece, me incluíra no programa com uma comunicação sob o título genérico de "O humor em Urbano Bettencourt".

Assim, aqui estou eu, na vossa presença e, o que é mais grave, na presença do autor, para falar de um assunto que daria seguramente para muitas teses e para o qual temo não estar satisfatoriamente preparada. Por isso, por precaução, informo (o Urbano em particular) que trouxe comigo uns queijos da Ilha e uma Massa Sovada, caso apeteça a alguém gritar: "Passa a massa e cala a boca!" (vd.: "Crónica de Viagem" in Que Paisagem Apagarás, pp. 39-40).

A verdade é que, excluindo os seus artigos académicos e a critica literária a que com frequência recorri durante as minhas passagens pela Universidade dos Açores, confesso que tenho lido Urbano com o prazer de leitora descomprometida. Habituei-me a desfrutar sem sustos ou obrigações da sua escrita extraordinariamente imaginativa, assente numa linguagem onde nada falta e onde nada é de sobra, intensa, inteligente e profunda, capaz de nos arrebatar nos momentos em que a sua beleza poética é mansa e onírica, como naqueles em que essa beleza se torna tão crua que pode ser arrasadora (veja-se, por exemplo, África, Frente e Verso, ou textos como "Antes da Noite" e "Noite", inseridos em Que Paisagem Apagarás).

No entanto, mentiria se negasse que no meu pódio das qualidades literárias de Urbano Bettencourt, unânime e justamente enaltecidas por vozes e saberes mais avisados, está o seu refinado e inteligente sentido de humor. Um humor que, decorrendo das mais diversas instâncias e estratégias narrativas, ora se manifesta por uma ironia elaborada e subtil, ora por uma mordacidade acerada, ora, ainda, pelo recurso ao absurdo como forma de relativizar (se não mesmo de parodiar) o real social, político e literário, nas ilhas como fora delas.

Às *nuances* humorísticas que encontro na escrita de Urbano, devo tanto o efeito terapêutico de umas gargalhadas libertadoras, como o dos sorrisos que perduram no canto da boca, ou o daqueles que ficam a pairar no limiar da consciência e acontece virem em meu socorro quando deles mais preciso.

<sup>1</sup> O título completo: Corographia Açorica, ou Descripção Phísica, Política e Histórica dos Açores, por um cidadão açorense, M. da Sociedade Patriótica Phylantropya n'os Açores. O seu principal autor foi, de facto, João Soares de Albergaria de Sousa, jorgense, liberal e um dos primeiros autonomistas açorianos. Esta obra pretendeu ser

Esta comunicação, talvez para escapar à pesada responsabilidade dos imponderados propósitos iniciais, será assim como uma visita guiada pela obra *Santo Amaro Sobre o Mar*, livro que, editado em 2005 pela Editorial Moura Pinto e reeditado em 2009 pela Câmara Municipal de S. Roque do Pico, me parece representativo das *nuances* e das subtilezas da ironia na escrita deste autor.

Santo Amaro Sobre o Mar abre com um pequeno capítulo introdutório intitulado "Corografias". Nele se constata que ao tom taxonómico que carateriza a referência a Santo Amaro na Corographia Açorica, datada de 1822¹, apõe o narrador uma outra onde o nome justaposto (Santamaro), mais tarde atribuído a erro gráfico de um inglês de quem se falará adiante, inicia uma deriva não só da brevidade perentória do original, como da impessoalidade dela resultante.

E reza assim esse primeiro capítulo:

«Santo Amaro: "Aldea mediocre, situada n'o beiramar em terreno um pouco íngreme virada ao norte; uma légua ao noroeste da Ponta da Piedade. Sua Parochia he dedicada ao Santo que lhe dá seu nome. Seus habitantes frequentam muito a pesca, criam gados; e cultivam cereaes". (Corographia Açorica, por um cidadão açorense, M. da Sociedade PHYLANTROPYA, 1822)

Santamaro: Lugar de onde são naturais os santamarenses. Território de afetos e memórias íntimas, de imagens que o tempo recolhe e transfigura. Os seus limites administrativos e geográficos continuam por estabelecer.»

Julgo ser percetível o toque de ironia com que abre, desde logo, esta narrativa. De facto, a partir desse Santo Amaro justaposto, inicia o narrador a (re)visitação de um espaço que vai, simultaneamente, redefinindo na justa dimensão das suas gentes, projetadas em sonhos e afetos, entrelaçadas em vidas de cujos rumos e feitos nos vai dando conta, numa narrativa que não se deixa facilmente apanhar por etiqueta de género, porque se tece, igual e deliberadamente, de uma justaposição: a do apontamento histórico com a ficção, a da realidade com o sonho.

«Vim por causa de um sonho», pode ler-se logo no início do segundo capítulo, intitulado "Sonhos de que a vida se tece". Esta afirmação, que inaugura o tom geral dos feitos dos santamarenses, impelidos pela dureza e escassez da ilha a sonhar outros desígnios e outros horizontes, é retomada uns capítulos mais adiante, em "Sonhos de António d'Ávila Gomes", num dos poucos momentos em que a ironia que preside a esta obra permite ao leitor alguma aliviada assertividade relativamente, pelo menos, à motivação para narrativa:

«Vim por causa de um sonho, escreveu António d'Ávila Gomes no começo dos Apontamentos para os meus filhos, sem poder calcular que século e meio depois o neto de um outro António d'Ávila (Bettencourt), também da Piedade, repetiria essa

um manifesto político, cujas posições autonómicas visavam introduzir nos Açores uma governação democrática, que se opusesse à administração colonial existente e à governação centralizada na Capitania Geral dos Açores.

frase e o gesto de escrevê-la, havendo de tomá-la como sua e original, <u>capaz de dar sentido e seguimento às coisas do mundo e dos tempos.</u>». <sup>2</sup>

Não tendo o leitor modo imediato de saber se aquele avô de Gabriela de Azevedo Gomes, esposa de Vitorino Nemésio, terá alguma vez escrito esses apontamentos, nem se este neto de António d'Ávila (Bettencourt) – em quem tenderá a reconhecer o escritor Urbano Bettencourt – se terá apropriado, de facto, «da frase e do gesto de escrevê-la», resta-lhe render-se, de preferência divertido, à esporádica benevolência do narrador relativamente à natureza da informação que vai veiculando, quer por voz própria, quer pela voz de um inquietante conjunto de personagens que faz desfilar pelas páginas do livro

Na verdade, um pouco ao jeito de Enrique Vila-Matas, a cujo *Mal de Montano*, aliás, se refere ironicamente a propósito da chegada à ilha do inglês Anthony Higgins, o narrador de *Santo Amaro Sobre o Mar* dispara no leitor alarmes de puro pânico intelectual ao misturar, no espaço e nos tempos da narrativa, personagens perfeitamente reconhecíveis na sua natureza real e histórica, com outras cuja natureza nos enche de dúvidas e nos leva para um desconcertante Jogo da Cabra Cega. Uma dessas personagens é, sem dúvida, Anthony Higgins. Sobre ele diz-nos o narrador que aportou ao Pico em busca de reparação para o seu *aventureiro* (nome que se usa dar no Grupo Central dos Açores aos barcos veleiros), danificado por súbita tempestade, e tendo, por via disso, chegado aos estaleiros de Santo Amaro.

Ora, ao leitor que milite no meu escalão etário, ou àquele mais chegado às coisas da cinefilia, o nome de Anthony Higgins soará certamente familiar. E embora possa desconhecer os factos narrados, não lhe causa qualquer estranheza que o ator inglês fosse dono de um *aventureiro*, batizado *Seamaster*, e que tivesse passado pelas nossas ilhas nas circunstâncias narradas.

O que nos deixa realmente surpreendidos, e de certa forma incomodados, é o completo desconhecimento de que, sob o pseudónimo de John B. Walkman, tenha o inglês escrito um livro, para mais intitulado *A Happy Summer in the Azores*, livro esse que, entre outros percalços causados ao leitor, responde por incorreções ao nível da tradução e da grafia de alguns topónimos, como é caso da tradução de Baía do Canto (cujo referente é do âmbito da geometria) como *Song Bay* e, significativamente, responsável também pela justaposição de Santo Amaro.

Acusado de «uma irreprimível tendência para a poetização do real» e de ter «antecipado em algumas décadas a perspetiva de outros escritores europeus, cuja passagem pelas ilhas se traduziria em grandes produtos turístico-estílisticos para consumos embasbacados» (p. 17)

Higgins é, no contexto desta narrativa, um recurso muito imaginativo e um parceiro precioso tanto na construção como na veiculação da ironia. Eu diria que o narrador o usa com mestria de autor, não hesitando em ceder-lhe, direta ou indiretamente, voz e olhar só para ter, logo de seguida, oportunidade ora de o criticar, ora de o desculpar.

contradizendo-o abertamente, ou acrescentando atenção ao seu olhar de estrangeiro em breve passagem por *Santamaro*:

«No caso de Higgins, a rapidez da sua passagem ajudará a compreender que ele não tenha detetado, para lá da beleza violenta dos vinhedos entre rochas e escarpas, a dureza e o penoso trabalho das vindimas no Canto, com os homens, as mulheres e as crianças dispersos por entre as faias ou suspensos na beira dos penedos a apanhar um perdido cacho de uvas, mais tarde transformado no sangue a que o navegante-escritor atribui fortes conotações eróticas, fazendo por esquecer a diferença que vai do suor do sexo ao suor da terra e dos seus trabalhos». (p. 20)

Não me parece exagerado dizer que grande parte da ironia que se deteta no texto como na estrutura deste livro fica a dever-se à opção por este modo de dizer e desdizer para voltar a dizer, no qual Anthony Higgins, cedo aparecido no espaço narrativo, tem papel fundamental, mesmo nos momentos da narrativa em que não se encontra presente.

Na verdade, este livro vai crescendo aos olhos do leitor como uma espécie de princípio do contraditório, onde a voz do narrador se cruza, mormente, com a desta personagem, e que impede que o olhar, mais ou menos apressado, mais ou menos poético, de um único indivíduo sobre um espaço e sobre as vidas que nele medram e fenecem passe sem ampla e efetiva possibilidade de ser discutido, contestado e até mesmo, como parece ser o caso, ironicamente ficcionado.

De Urbano Bettencourt sei que nasceu a cerca de dez quilómetros de Santo Amaro, na freguesia da Piedade, pelo que não julgo desacertado acreditar que seja aquele também o seu «território de afetos e memórias íntimas» e das tais «imagens que o tempo recolhe e transfigura». Das vidas de que nos dá conta neste livro, suponho que algumas tê-las-á conhecido; das outras terá colhido testemunho junto de fontes que, com propriedade, falam da dureza dos tempos e de sonhos que atravessaram mares para se tornarem realidade.

Santo Amaro existe, ali, no norte da ilha do Pico. A memória do lugar guarda-a as suas gentes em existências que conheceram a realidade ilhoa nos tempos de vacas magras e talvez infelizes. Santamaro também existe, na sua dimensão literária e afetiva, testemunho de como frequente e ironicamente a realidade ultrapassa a ficção, de tal modo que se torna difícil ao leitor vindo de fora perceber onde começa e acaba cada uma.

De Anthony Higgins, apesar de recurso a instâncias superiores, que me reservo o direito de não discutir aqui, continuo sem nada saber, a não ser o que dele nos diz o nosso narrador a quem, para terminar, cedo novamente a voz:

«[...] dir-se-á que eles vêm para ressuscitar o esplendor da Atlântida, sem cuidarem de saber que, à exceção de algum lirismo de passo trocado, nós próprios já atravessámos a sua morte e as suas ruínas e, fugindo às fomes, fizemo-nos aos caminhos do mar, em busca das califórnias perdidas de abundância (Pedro da Silveira) donde nos chegaria o sustento de pão e de sonho.». (p. 18)

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> O sublinhado é meu.

Brites Araújo.
Belmonte, 7 de abril de 2017

– 27º Colóquio Internacional da Lusofonia

#### REFERÊNCIAS:

- Bettencourt, Urbano. (2005). Santo Amaro Sobre o Mar. (1ª ed.). Arganil: Editorial Moura Pinto.
  - Bettencourt, Urbano. (2010). Que Paisagem Apagarás. Ponta Delgada: Publiçor.
- Machado, Carlos A. (2010, Jullho 30). Notas de apresentação de *Que Paisagem Apagarás*, de Urbano Bettencourt. disponível em:

https://machadoalbertocarlos.wordpress.com/sobrelivros/sobre-que-paisagem-apagaras/

- Brasil Assis, Luiz António. (2011). Paisagens da memória: sobre o livro *Que Paisagem Apagarás*, de Urbano Bettencourt. *Navegações, Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa*, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 53-57
- Região Autónoma Açores, Presidência Governo, Direção Regional Cultura. (2016). Corographia Açorica. Disponível em:

http://www.culturacores.azores.gov.pt/biblioteca\_digital/COROGRAPHIAACORICA/COROGRAPHIAACORICA item1/index.html



Vd. pp. 39-40

### Corografias

«Santo Amaro: "Aldea mediocre, situada n'o beiramar em terreno um pouco íngreme virada ao norte; uma légua ao noroeste da Ponta da Piedade. Sua Parochia he dedicada ao Santo que lhe dá seu nome. Seus habitantes frequentam muito a pesca, criam gados; e cultivam cereaes". (Corographia Açorica, por um cidadão açorense, M. da Sociedade PHYLANTROPYA, 1822)

Santamaro: Lugar de onde são naturais os santamarenses. Território de afectos e memórias íntimas, de imagens que o tempo recolhe e transfigura. Os seus limites administrativos e geográficos continuam por estabelecer.» (p. 9)

«Vim por causa de um sonho, escreveu António d'Ávila Gomes no começo dos *Apontamentos para os meus filhos*, sem poder calcular que século e meio depois o neto de um outro António d'Ávila (Bettencourt), também da Piedade, repetiria essa frase e o gesto de escrevê-la, havendo de tomá-la como sua e original, capaz de dar sentido e seguimento às coisas do mundo e dos tempos.». (p. 32)

«No caso de Higgins, a rapidez da sua passagem ajudará a compreender que ele não tenha detectado, para lá da beleza violenta dos vinhedos entre rochas e escarpas, a dureza e o penoso trabalho das vindimas no Canto, com os homens, as mulheres e as crianças dispersos por entre as faias ou suspensos na beira dos penedos a apanhar um perdido cacho de uvas, mais tarde transformado no sangue a que o navegante-escritor atribui fortes conotações eróticas, fazendo por esquecer a diferença que vai do suor do sexo ao suor da terra e dos seus trabalhos.».

«[...] dir-se-á que eles vêm para ressuscitar o esplendor da Atlântida, sem cuidarem de saber que, à excepção de algum lirismo de passo trocado, nós próprios já atravessámos a sua morte e as suas ruínas e, fugindo às fomes, fizemo-nos aos caminhos do mar, em busca das califórnias perdidas de abundância (Pedro da Silveira) donde nos chegaria o sustento de pão e de sonho.». (p. 18)

#### 3. MIGUEL REAL. 27º COLÓQUIO DA LUSOFONIA BELMONTE 2017

### TEMA 3.1. INTRODUÇÃO AO ITINERÁRIO CRÍTICO DE URBANO BETTENCOURT

Em 1989, no texto *Emigração e Literatura. Alguns Fios da Meada*, Urbano Bettencourt regista que a literatura, mais do que se constituir como mero reflexo da realidade, alimentase de uma "deflecção" da realidade.

O seu estatuto pertenceria ao cruzamento da realidade com, por um lado, a subjetividade do autor e, por outro, com a lógica precisa da linguagem, ambas vazadas no que Urbano Bettencourt designa por "discurso da subjetividade"<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Urbano Bettencourt, *Emigração e Literatura. Alguns Fios da Meada*, Horta, Ed. Gabinete de Emigração e Apoio às Comunidades Açorianas, 1989, p. 16.

Neste sentido, em nenhum dos múltiplos livros do autor se intenta identificar literatura com transposição direta da realidade ou com verdade e todos se inserem no que designa por "discurso da subjetividade".

Porém, subjetividade não significa arbítrio e, portanto, existe um vínculo substancial entre literatura e realidade, que confere àquela a garantia de uma certa objetividade. Esta objetividade, que opera o trânsito entre escrita e leitura e entre realidade exterior e subjetividade pessoal é dada pela linguagem, espécie de meio-termo entre a pretensa objetividade do realismo ingénuo e o delírio linguístico narcisista e egológico.

Com efeito, lendo-se os artigos e ensaios de Urbano Bettencourt constata-se uma evolução, tanto formal quanto cronologicamente, para uma espécie de terreno do meiotermo estético.

De facto, do ponto de vista da dinâmica do seu pensamento, observa-se a existência de uma evolução ao longo de duas décadas de escrita, por exemplo, entre o primeiro volume de *O Gosto das Palavras*<sup>4</sup> e a última recolha de ensaios com o título *Ilhas conforme as circunstâncias*<sup>5</sup>.

Ao longo destes vinte anos, o leitor apercebe-se de que o autor abandonou os seus estudos formalmente académicos do primeiro volume, presentes, por exemplo, no primeiro capítulo "Nas Margens de Antero" e no segundo, "A Arte da Fuga", substituindo-os, a partir de o segundo volume de *O Gosto das Palavras – II (Leituras e Ensaios)*<sup>6</sup>, publicado 12 anos depois, pelo seu pessoalíssimo "discurso de subjetividade".

Paradoxalmente, Urbano Bettencourt fá-lo quando, de um ponto de vista profissional, se instala como professor na Universidade dos Açores a partir de 1989. Porventura, a sua nova função profissional deve ter-se constituído como um dos maiores "Adamastores" do seu itinerário estético, forçando a sua escrita a um rigor académico não compatível com o seu "discurso da subjetividade".

Porém, pela publicação dos livros seguintes, percebe-se que Urbano Bettencourt triunfou sobre o formalismo académico, que, nas Letras, muito raramente deixa a escrita brilhar.

Com efeito no segundo volume de *O Gosto das Palavras*, é já patente que o autor pessoalizou (criou um discurso pessoal) a análise literária, correspondente a uma visão *pessoal* sobre a literatura de raiz açoriana que, posteriormente, estenderá ao espaço atlântico da Macaronésia. Aliás, o título "o Gosto das Palavras" reflete já, semanticamente, um "discurso [Palavras] da subjetividade [o Gosto]".

Assim, o "discurso da subjetividade" de Urbano Bettencourt posta-se a meio-termo entre o protocolo ensaístico universitário e o impressionismo crítico jornalístico. O primeiro,

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Urbano Bettencourt, *O Gosto das Palavras,* Angra do Heroísmo, Secretaria Regional de Educação e Cultura, 1983.

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Urbano Bettencourt, *Ilhas conforme as circunstâncias*, Lisboa, Salamandra, 2003

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> Urbano Bettencourt, *O Gosto das Palavras – II (Leituras e Ensaios)*, Ponta Delgada, Edição do "Jornal da Cultura", 1995.

próprio das universidades, ora fértil em resultados e inovadoramente crítico, ora oco, espelho de uma retórica erudita burocrática; o segundo, próprio dos jornais e revistas, uma escrita em cima da data da publicação do livro analisado, por vezes culturalmente pouco informada.

A partir de 1995, Urbano Bettencourt, não deixando de utilizar o jargão académico (os paratextos...), os seus textos habitam um meio-termo, um território pessoal constituído por fortes "iluminações momentâneas", "fugazes fulgurações", que "para sempre nos seduz[em] e a cujo poder em absoluto nos rendemos".

Neste sentido, a crítica literária em Urbano Bettencourt é menos tecida de deduções analíticas de quem aplica uma teoria constituída a um novo livro e mais de intuições sintéticas (as "iluminações momentâneas", as "fugazes fulgurações") de quem convive sanguineamente, existencialmente, com o seu conteúdo e a sua forma.

Estas intuições sintéticas, resultado da desconstrução e reconstrução mental das páginas lidas (como que vividas) exprimem-se, justamente enquanto resultado, num parágrafo ou dois, condensadores da profundidade intensiva e extensiva da obra de um autor ou do conteúdo de um livro.

Como exemplo, leia-se o texto "A poesia de Santos Barros na Universidade de Trás-os-Montes"<sup>8</sup>: um meio-termo entre o rigor erudito universitário e a opinião impressionista, reabilitando, ao modo de Vitorino Nemésio, os aspetos propriamente estéticos presentes na obra, sem deixar de conceder algum privilégio ao contexto social.

Deste meio-termo nasce igualmente a relativização da defesa da existência de uma genuína literatura açoriana, não a absolutizando, como se esta constituísse uma condição ontológica da açorianidade (Nemésio).

De outro modo, "circunstancializa-a", integrando a literatura açoriana na literatura própria de toda a "ilha", como explicita na *introdução a Ilhas conforme as circunstâncias*, de 2003: "articular a relação do eu com o outro, a relação do homem com o espaço, o mundo e a história, o modo como, em diálogo com estéticas e culturas exteriores, lhes configuram experiências de insularidade, entendida em termos muito abrangentes…"9.

Para além desta "diversidade circunstancial que marcam as [diferentes] ilhas"<sup>10</sup>, a literatura insular (Açores, Madeira, Cabo Verde, Canárias, São Tomé...) revelaria um fundo comum.

Neste livro de 2003, Urbano Bettencourt explora uma das mais belas metáforas sobre a necessidade da escrita. Referindo-se ao presumível primeiro habitante da ilha do Pico, Fernão Álvares Evangelista, que, devido a uma tempestade, teria ficado isolado na ilha com um cão ao longo de um ano, o autor refere que cada escritor é como Fernão

Álvares, criando a sua ilha durante o ato de escrita, caçando as palavras com o seu "cão" mental, formando a escrita<sup>11</sup>.

Se, do ponto de vista académico, os livros de Urbano Bettencourt evoluem para uma posição pessoal de meio-termo, do mesmo modo o seu estilo parece seguir justamente a mesma dinâmica.

Com efeito, se se analisar o livro Ilhas, publicado em 1977, em colaboração com J. H. Santos Barros, constata-se ser a prosa de Urbano Bettencourt dominado por um fortíssimo acento surrealista. Ambicionavam os dois jovens autores em finais da década de 70 criar uma "escrita em arquipélago, em cardume, capaz de romper as malhas metálicas tecidas à volta das ilhas que somos" 12.

Num dos textos de *Ilhas*, datado de 1974, "Das viagens com cronista", escreve Urbano Bettencourt: os açorianos "voltaram as costas aos portos e foram esperar os navios no alto das montanhas", "turba endoidecida por um visionário que lhe prometeu navios no alto das montanhas".

Do mesmo modo, a inspiração surrealista encontra-se patentes nos textos "Da subversão atómica aos animais vigilantes", de 1976, "Fulgor e morte da Atlântida recuperada", do mesmo ano, e em "Sobre o suicídio aparente do meu avô", de novembro de 1974

Do mesmo modo os textos em prosa de *África. Frente e Verso*, escritos ao longo de 1974 e 1975, como, por exemplo "Antes da Noite", sobretudo as pp. 40 e 41<sup>13</sup>.

Com efeito, ainda neste livro, a comparação dos primeiros textos de prosa com os últimos, como, por exemplo, "de mangas e bolanhas", datado de 2011, revela a evolução estética do abandono do texto como repositório imediato de sensações, sentimentos e ideias, uma espécie de coração sangrante jogado de imediato no papel, compondo um rendilhado aparentemente surrealista, para uma posição discursiva pessoalizada, mas objetiva, não de um realismo chão, mas de um realismo subjetivizado.

Porém, à medida que nos vamos afastando dos finais da década de 70, a inspiração surrealista desaparece quase por inteiro substituída – justamente – por um "discurso da subjetividade", apropriador

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> Idem, *ibidem*, p. 129.

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> Idem, *Ibidem*, pp. 125 – 128, sobretudo o penúltimo parágrafo.

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> Urbano Bettencourt, *Ilhas conforme as circunstâncias*, ed. cit., 2003, p. 14.

<sup>10</sup> Idem, ibidem, p. 11.

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup> Idem, *ibidem*, p. 83.

<sup>&</sup>lt;sup>12</sup> J. H. Santos Barros e Urbano Bettencourt, *Ilhas*, s./editor, 1977, introdução.

<sup>&</sup>lt;sup>13</sup> Urbano Bettencourt, África. Frente e Verso, Ponta Delgada, Letras Lavadas Edições, 2012, pp. 40 – 44.

### 1. KATHARINE F. BAKER – UNIVERSITY OF PITTSBURGH, PENNSYLVANIA, 17° COLÓQUIO DA LUSOFONIA LAGOA 2012

### TEMA 2.3 TRADUZIR O CONTO "NAS LAJES, UM CHÁ IMPREVISÍVEL" DE URBANO BETTENCOURT

No conto "Nas Lajes, um chá imprevisível" do livro *Que paisagem apagarás* [2010], o autor Urbano Bettencourt descreve uma visita às Lajes do Pico por um certo Sr. Machado para instalar fotografias que tirou quando acompanhava uma expedição científica na Baía dos Golfinhos no sul do Brasil. O protagonista fica alojado numa residencial Lajense, cujo dono lhe traz um chá ao quarto depois do jantar. Naquela noite o Sr. Machado cai figuradamente no buraco de coelho, assim chegando num quase País das Maravilhas, a sofrer vários pesadelos no caminho, e em que a literatura se cruza com a realidade imediata.

Fig. 1: Pintura, Imprevisível chá da imaginação, de Semy Braga.14



"In Laies, an unpredictable tea" 15 For Vera Sabino and Semy Braga



fig. 2: Semy Braga e Urbano Bettencourt, nas Furnas de São Miguel, 2009.16

### NAS LAJES, UM CHÁ IMPREVISÍVEL17 PARA VERA SABINO E SEMY BRAGA

Quando cheguei ao Pico pela primeira vez, um teto de nuvens baixas reduzia a ilha a uma barra verde-cinza muito regular, ligeiramente achatada nos extremos. Em vão procurei aquela montanha que as fotos tiradas a partir de S. Jorge transformam no perfil perfeito de um seio – um seio inútil de noite, como escreveria Chateaubriand.

Aproveitei o resto da tarde para instalar-me e descansar da viagem. E depois do jantar abalancei-me a uma breve incursão pelas Lajes, um pouco à toa, mas sem esquecer algumas das recomendações feitas pelo senhor Amílcar, proprietário da Residencial. Para falar verdade, nas Lajes não se anda à toa, pois o traçado da vila quase nos controla os passos e os encaminha para a rua principal, paralela à linha da costa e donde partem as perpendiculares que levam até ao mar.

Este foi um dos aspetos que mais impressionaram o poeta Wang Yong, que por lá andou disfarçado de viajante com uma mochila onde guardava amostras de lava, lenços de papel com poemas e desenhos eróticos, conchas, pedrinhas, pedacinhos de ossos de Camilo Pessanha. É como se a malha urbana obedecesse a uma geometria que proporciona a vida interior entre o Cruzeiro e o Largo da Matriz e, ao mesmo tempo, mantém o diálogo constante com o mar, fator indissociável da história e da economia da vila – simultaneamente recolhida e aberta ao mundo.

Mas não pude deixar de surpreender-me com a notória harmonia e coesão da arquitetura civil que preenche o espaço entre esses dois polos, embora só mais tarde eu

<sup>&</sup>lt;sup>14</sup> Imagem graças ao Doutor Semy Braga. Também disponível em: http://semy.websabino.com/cha.htm

<sup>&</sup>lt;sup>15</sup> Bettencourt, Urbano. "Nas Lajes, um chá imprevisível. In, *Que paisagem apagarás*. Ponta Delgada, Portugal: Publiçor Editores, 2010, pp. 15-23. Traduzido em inglês por Katharine F. Baker e Bobby J. Chamberlain, Ph.D., 2012.

Semy Braga e Urbano Bettencourt nas Furnas, São Miguel, 2009. Disponível em http://ww1.rtp.pt/icmblogs/rtp/comunidades/?k=Semy-Braga-o-poeta-audio-de-Olegario-Paz.rtp&post=28960 Pattencourt, Urbano. "Nas Lajes, um chá imprevisível. In, Que paisagem apagarás. Ponta Delgada, Portugal: Publicor Editores, 2010, pp. 15-23.

viesse a identificar os diferentes traços epocais que nos fazem recuar até ao século XVI, talvez mesmo ao século XV.

Inesperadamente, porém, tudo vai desembocar na Igreja Matriz, na desmesura da sua volumetria e de um gótico naufragado em pleno Atlântico. Foi essa visão que assombrou Raul Brandão, em 1924, quando a viu ainda por acabar, suspensas as obras pelo despautério republicano. Isso não impediu o escritor de fazer justiça à teimosia do padre que, em vão, gastara ânimo e fazenda para tentar levar um sonho por diante: "uma carcaça morta e negra erguida em frente ao mar, e separada de terra por montes espessos que ameaçam submergi-la. Moram lá as aves marinhas....

Aquilo foi um sonho e nenhum sonho se chega a concluir — o sonho não cabe no mundo." Melhor ou pior, alguns sonhos até podem concretizar-se — fui pensando ao entrar de novo na Residencial, quando apenas uma vaga claridade para lá do extremo da ilha indicava o oeste do mundo. Ali estava eu para prová-lo, prestes a concluir um sonho que fora ganhando forma desde que o Museu dos Baleeiros me convidara para expor as fotos que eu fizera na Baía dos Golfinhos, quando acompanhei a expedição científica de Edson Bittencourt àquele habitat do sul do Brasil.

Na manhã seguinte acordei cedo. A Montanha continuava envolta nos seus novelos de cinza e lã

No restaurante, chamou-me a atenção um quadro suspenso por cima da mesa de apoio às refeições. Em fundo, uma paisagem de tons sombrios que poderia ser observada através de uma janela; o traço branco de um cavalo atravessava o céu sobre casas e árvores, a cabeça e as crinas tinham dado lugar ao rosto e ao cabelo de uma mulher – talvez um centauro de sexo oposto. Do lado de dentro, mais próximo do observador, um bule de chá em tons amarelados e róseos sobre o qual se recortava uma figura de mulher com longo vestido preto; na sua mão direita, um lírio antecipava a brancura do vapor que saía do bico do bule. Na parte inferior deste, uma breve inscrição: "imprevisível chá da imaginação".

– Uma oferta do autor – disse atrás de mim o senhor Amílcar, ao ver o meu interesse na pintura. – Esteve cá uns dias com a mulher, também pintora. Brasileiros de Santa Catarina. Passaram o tempo divididos entre o fascínio pela Montanha e a inquietação perante o seu mistério. Antes de montar a exposição, deambulei ainda um pouco pelas Lajes e dei comigo a percorrer o muro que parte da frente do Museu e termina lá fora em cais de acostagem. Nessa espécie de leque, um monumento recente quebra a escuridão do basalto, o seu topo ondula sobre uma porta que resume o destino das Lajes, talvez mesmo do Pico, entre o mar e a ilha. Vista daí, a vila deixa perceber melhor a natureza do seu assentamento sobre esta língua de terra resultante de antigas escoadas lávicas.

Foi também a partir daí que comecei a entender a insistência com que Fernando Alvarez fala da "fajana de Lajes" no seu livro Islas de Fuego. Passei o dia ocupado com a instalação das fotografias. Tive de reordená-las em função das particulares condições do espaço disponível, de modo a tirar o melhor aproveitamento dos enquadramentos e da luz, e isso levou mais tempo do que o previsto. No final, acabei por sentir-me satisfeito. As minhas fotos ganhavam, finalmente, pleno sentido num Museu onde parece ecoar ainda a

voz de antigos baleeiros e onde a proximidade dos seus gestos nos torna cúmplices de uma aventura de pranto e riso, euforia e morte.

Nessa noite, jantei com Richard Johnson, empresário norte-americano que o senhor Amílcar me apresentara, também hóspede da Residencial. A história que me contou acabaria por dissipar a minha indisfarçável surpresa inicial perante a fluência do seu português escorreito, apenas com um ligeiro toque fonético. Durante vários anos trabalhara numa empresa texana que se dedicava à exportação de democracia, com grandes negócios na América do Sul. Por essa razão tinha viajado muito para o Brasil, onde permanecera longas temporadas na época dos generais.

Mais tarde, a empresa voltou-se para o Iraque, mas nessa altura Johnson já não pertencia aos seus quadros. Tinha descoberto o turismo e feito dele a paixão moderna de que fala Agustina Bessa-Luís e que, à semelhança de todas as paixões, é muito palavrosa, escuta pouco e não deixa ver nada do que se passa em volta. Agora estava nas Lajes por causa de um projeto ambicioso e visionário: transformar a vila numa estação turística de luxo, com hotéis, restaurantes e casinos, porque o turismo, compreenda o senhor, não é mais do que uma continuada circulação entre a mesa das refeições, a casa de banho e a mesa de jogo. Isso implicava deslocar a população das Lajes para uma urbanização construída de raiz nas margens da Lagoa do Paul, mas com todas as comodidades modernas.

Nada de extraordinário! Bastava ter em conta o que se passara no Alentejo com a Aldeia da Luz ou até mesmo pensar no exemplo micaelense das Sete Cidades, com a sua comunidade humana instalada nas margens de uma lagoa de águas amarelas. Já imaginou as Lajes transformadas numa Las Vegas *under the volcano*, debaixo do vulcão, faço-me entender? E ria muito, visivelmente satisfeito com a alusão a Malcolm Lowry.

Ainda lhe falei dos estudos científicos sobre a previsível subida das águas do mar, que submergirão as Lajes dentro de cinquenta anos, segundo os pessimistas crónico, ou daqui a um século, na opinião de outros mais habituados a lidar com o discurso político. Sem qualquer efeito. Nada o demovia. Tudo isso ocorrerá progressivamente; durante algum tempo ainda, poderemos explorar aqui as potencialidades turísticas de uma Veneza atlântica. E quando a submersão total se concretizar, abrangendo também outras vilas do Pico, não pensem elas que se livram! teremos oportunidade de nos dedicar à arqueologia submarina, o grande destino dos Açores numa altura em que "a natureza mágica" se terá tornado um slogan obsoleto e absurdo.

Quando me despedi de Johnson, ele falava ainda nos seus projetos, com um entusiasmo a que já não era totalmente alheia a garrafa de aguardente de figo posta à nossa disposição pelo senhor Amílcar (Romana Petri talvez preferisse um copinho de "angélica", como ela tontamente insiste me escrever). Pedi para me levarem um chá ao quarto e antes de adormecer pus-me a ler *El Mal de Montano*, de Enrique Vila-Matas. Rosario Girondo já tinha regressado ao Faial depois da viagem ao Pico onde se encontrara com o escritor Teixeira, que vivia no sopé da Montanha; estava agora entretido a traçar o mapa do mal de Montano e já registara nele o vulcão picoense, por causa das toupeiras militantes que no seu interior conspiravam contra a literatura.

Aos poucos, uma sonolência foi-me aconchegando o corpo, deixando-o num

amolecimento geral. O leitor portátil continuava a reproduzir o CD de Carlos Nuñez, agora o tema "Nubes del otro lado", com as suas sonoridades cada mais distantes, por fim um volume de sons indiferenciados como a massa de nuvens que decerto ainda esconderiam a Montanha.

Algum tempo depois, não sei quanto, eu fazia *whale watching* a bordo da *Cigana*, navegávamos ao longo da Rua Direita, o vigia avistara um grupo de golfinhos no Largo da Matriz. Seguíamos lentamente e sem falar, apenas a voz da nossa guia dissertava sobre arquitetura baleeira e construções do séc. XVI, misturava janelas de sacada com torres de madeira e cunhais de basalto. Quis pedir-lhe um esclarecimento, mas por mais que tentasse não consegui articular qualquer som. Passada a ligeira curvatura da rua, surgia de repente a torre da Igreja de Nôtre-Dame de Bruges.

O condutor do barco era, ao mesmo tempo, o nosso guia; chamava-se Carlos e falavanos alternadamente em inglês e em espanhol com algumas palavras portuguesas que atestavam a sua ascendência, a mesma do seu remoto homónimo borgonhês. Conduzia de modo temerário ao longo dos canais, mas por momentos enchia-se de cuidados extremos, aconselhando-nos a ficar sentados e muito quietos enquanto passávamos sob a Ponte Bonifácio.

O Lago de Amor estava cheio de golfinhos excitados. Carlos aproveitou para uma tirada lírica e vagamente erótica, ainda antes de se entregar a uma tentativa de humor: Bruges é uma cidade muito católica, com as suas mais de cem igrejas, e também muito praticante, tem quatrocentos e vinte e três bares. A ausência de reação da nossa parte deixou-o desolado e, quando desembarcámos junto à Ponte Nepomuceno, nem foi capaz de lançar-nos um sorriso de despedida.

À nossa espera estava uma jovem guia flamenga que se recusava a falar francês e nos levou a visitar o interior da Montanha. Antes de entrar na gruta de acesso, prendeu à cintura a ponta de uma longa corda enrolada dentro de uma celha de madeira. Percorremos galerias vagamente iluminadas, a pouco e pouco baixava o rumor das vozes, deixando ouvir o som espacado das gotas que se desprendiam do teto.

Avistámos por fim uma vasta sala onde uma brigada de funcionários diligentes alimentava uma grandiosa fogueira de livros. Um desses funcionários passou muito perto de nós, na camisa ostentava um crachá com as iniciais *M.E.* Ministério da Economia? da Educação? Pude vislumbrar alguns títulos que levava nos braços: *Fahrenheit 451*, *Os Lusíadas, Dom Quixote, Morrer Devagar.* De repente, descobrimos que a nossa guia tinha perdido a corda que nos ligava ao exterior. Quisemos voltar sobre os nossos passos, mas não havia qualquer abertura nas paredes em redor. Na confusão que se seguiu, alguém me atirou ao chão e dezenas de toupeiras passaram sobre mim em correria desenfreada.

Com o esforço para me erguer, acordei. De manhã, falei deste sonho ao senhor Amílcar. Ele sorriu.

 Isso foi do chá de ontem. O tal da imaginação. E como bem sabe, senhor Machado, esse chá é totalmente imprevisível.

### 4. MARIA ZÉLIA BORGES UPM JUBILADA, 17º COLÓQUIO DA LUSOFONIA LAGOA 2012

#### TEMA 1.4 CIGARRAS AÇORIANAS TRABALHAM COMO FORMIGAS,

Tradicionalmente, com base na leitura bíblica, o trabalho tem sido visto como castigo para o homem em queda. Perdida a felicidade do Éden, desde o pecado original, toda a humanidade é obrigada a ganhar o pão com o suor do próprio rosto. E o trabalho se opõe ao descanso, ao lazer. Todavia, em nossos dias, em tempos de maior indulgência, os artistas já podem jactar-se por serem remunerados ao produzir obras que lhes dão prazer. O trabalho pode sim, mesmo que a duras penas, ser forte aliado do ócio criativo.

Nesta comunicação, parte-se da *Antologia Bilingue de Autores Açorianos*, de CHRYSTELLO e GIRÃO (2011), secundada pela *Antologia Panorâmica do Conto Açoriano*, de Melo (1978) e tendo por mote a lenda da cigarra e da formiga, tentar-se-á mostrar que, para os escritores açorianos, o canto da cigarra não é incompatível com o trabalho da formiga. Tabuladas as informações advindas das antologias, pode-se concluir que a atividade artística, mais vista como lazer, não impede o exercício de atividades consideradas mais como trabalho propriamente dito.

Numa visão bastante maniqueísta da vida e do mundo, vive-se num jogo de escolhas entre polos contraditórios e excludentes. Entre as oposições disponíveis está a que se faz entre o bem e o mal. Nesta visão o bem é o trabalho e o mal, a diversão. Sociedades religiosas e laicas insistiram em perpetuar e passar tal visão. Hoje sabe-se que nem tudo é tão claro assim, nem tão oposto e excludente. Sabedoria popular, por exemplo, nem sempre se opõe a sabedoria fundada no conhecimento, no estudo.

Do mesmo modo, bem e mal nem sempre aparecem com tanta claridade e excludência; o trabalho e o lazer podem vir conjugados. Ilustrativa da evolução deste modo de pensar é a lenda da cigarra e da formiga. Tal lenda, atribuída a Esopo com raconto de La Fontaine, tradicionalmente opõe o trabalho da formiga ao canto da cigarra no tempo da primavera, premiando o primeiro (a formiga se refugia em casa aquecida e alimento abundante no inverno) e castigando o segundo (à cigarra imprevidente, só resta dançar ao frio).

Em nossos dias, a lenda tem aparecido em versões mais conciliadoras, com um final menos duro que o da versão primeva. Nesta, a formiga costumava condenar a cigarra ao frio e à fome, dizendo-lhe: "Cantou durante o verão?! Pois dance agora." Já na nossa infância, líamos de Monteiro Lobato uma versão menos radical quanto a prêmio e castigo. O autor registra duas fábulas com títulos diferentes:

- A Formiga boa. Nesta a cigarra, com a chegada do inverno, procura a formiga e, tossindo e tremendo. E a história assim termina:
  - Ah!...exclamou a formiga recordando-se. Era você então quem cantava nessa árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas?

- Isso mesmo, era eu...
- Pois entre amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chiado nos distraía e aliviava o trabalho. Dizíamos sempre: que felicidade ter como vizinha tão gentil cantora. Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo.

A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol.

#### 2. A formiga má. Termina diferentemente:

[....] a formiga era uma usurária sem entranhas. Além disso, invejosa. Como não soubesse cantar, tinha ódio à cigarra por vê-la querida de todos os seres.

- Que fazia você durante o bom tempo?
- Eu... eu cantava.
- Cantava? Pois dance agora, vagabunda! E fechou-lhe a porta no nariz.

Resultado: a cigarra ali morreu intanguidinha; e quando voltou a primavera o mundo apresentava um aspecto mais triste. É que faltava na música do mundo o som estridente daquela cigarra morta por causa da avareza da formiga. Mas se a usurária morresse, quem daria pela falta dela?

E o autor que fazia alegria de nossa infância ainda tem o cuidado de apor à fábula a moral da história: "Os artistas – poetas, pintores, músicos – são as cigarras da humanidade".

Na Internet, que tudo aceita, aparece no site Qdivertido.com.br (2011), uma adaptação com um seguinte final em que a formiga rainha institui o canto como uma tarefa para a cigarra, integrando-a, assim, na comunidade do formigueiro:

Certo dia o inverno chegou, e a cigarra começou a tiritar de frio. Sentia seu corpo gelado e não tinha o que comer. Desesperada, foi bater na casa da formiga.

Abrindo a porta, a formiga viu na sua frente a cigarra quase morta de frio.

Puxou-a para dentro, agasalhou-a e deu-lhe uma sopa bem quente e deliciosa.

Naguela hora, apareceu a rainha das formigas que disse à cigarra:

- No mundo das formigas, todos trabalham e se você quiser ficar conosco, cumpra o seu dever: toque e cante para nós.

Para cigarra e para formigas, aquele foi o inverno mais feliz das suas vidas.

Aqui se conciliam os opostos ócio/ocupação, trabalho/lazer, legitimando o ócio criativo, tão simpático na atividade artística. Aliás, a atividade artística era muito mais associada à busca do lazer, ao descanso do trabalho, oportuna apenas para as horas de folga. E não somente ao lazer, mais respeitado na sociedade maniqueísta, que ligava lazer a descanso

e prazer atividades condenáveis. No Brasil, tal fato se evidenciava sobremaneira, pois artistas só obtinham Carteira de Identidade em Delegacia de registro de atividade de prostituição.

As palavras tradicionalmente usadas para a atividade produtiva têm uma história interessante, que parece oportuno considerar. No grego, trabalhar se expressava através de dois verbos diferentes:

- 1) γργάζομαι: definido como trabalhar, no sentido de produzir algo; tendo o substantivo correspondente εργον;
- 2) o segundo verbo,  $\delta\iota\alpha\pi\circ\nu\epsilon\omega$ , tem o significado de trabalhar com esforço. Esta mesma palavra é definida como castigar, por Pereira (1961), que lhe apõe a observação "falando de estilo",

No latim aparece com uma só palavra para trabalhar: \*tripaliare que, na explicação etimológica de Houaiss é verbo românico, advindo do latim tripalium, 'instrumento de tortura', derivado do adjetivo tripális, aparelho 'sustentado por três estacas ou mourões'. Com isto, para nós, falantes de língua latina, trabalho traz consigo, sempre, a ideia de esforço e de castigo. Aliás, o castigo imposto a Adão, em sua queda do paraíso, fala em "ganhar o pão com o suor de seu rosto. Assim, trabalho opõe-se a lazer que, na definição do mesmo dicionarista, se define como:

- "1 tempo que sobra do horário de trabalho e/ou do cumprimento de obrigações, aproveitável para o exercício de atividades prazerosas;
- 2 Derivação: por metonímia. atividade que se pratica nesse tempo;
- **3** Derivação: por extensão de sentido. cessação de uma atividade; descanso, repouso".

Ócio também se opõe a trabalho, com as seguintes explicações:

- 1 cessação do trabalho; folga, repouso, quietação, vagar
- 2 espaco de tempo em que se descansa
- 3 falta de ocupação; inação, ociosidade
- 4 falta de disposição física; preguiça, moleza, mandriice, ociosidade
- **5** Derivação: sentido figurado trabalho leve, agradável. Observe-se que a definição derivada de lazer bate com a derivada de ócio.

Temos até um sintagma para falar de atividade artística sem confundi-la simplesmente com ócio: a expressão "ócio criativo". Este pode resultar, de fato, de tarefa muito trabalhosa, às vezes até penosa. Olavo Bilac tem um soneto – "A um poeta", onde fala do esforço que se faz para alcançar um poema:

Longe do estéril turbilhão da rua, Beneditino escreve! No aconchego Do claustro, na paciência e no sossego, Trabalha e teima, e lima, e sofre, e sua!

Mas que na forma se disfarce o emprego Do esforço: e trama viva se construa De tal modo, que a imagem fique nua Rica mas sóbria, como um templo grego

Não se mostre na fábrica o suplício Do mestre. E natural, o efeito agrade Sem lembrar os andaimes do edifício:

Por que a Beleza, gêmea da Verdade Arte pura, inimiga do artifício, É a força e a graça na simplicidade.

Correndo os olhos no poema, ressaltam-se os verbos usados no último verso da primeira estrofe. São todos muito mais ligados ao trabalho visto como esforço – "Trabalha e teima, e lima, e sofre, e sua!" – nas explicações a eles dadas por Houaiss (....). De fato, para obter o verso o poeta deve trabalhar com paciência e sossego; isolado em sua cela, pois deve:

- *trabalhar*, bem no sentido de sofrer tortura, do verbo latino; *teimar*, isto é, insistir, com grande obstinação, por repetidas vezes;
  - *limar*, isto é, "corroer material duro com lâmina dentada";
- sofrer, isto é "experimentar com resignação e paciência; suportar, tolerar, aquentar";
- suar, isto é, "empregar grandes esforços na consecução de (algum objetivo); afadigar-se".

Mas o poeta parnasiano não se esquece de conciliar opostos, isto é *paciência*, vista como "capacidade de persistir numa atividade difícil, suportando incômodos e dificuldades; aliada a sossego, visto como "quietude física; descanso, repouso, ausência de problemas, de preocupações, de trabalho excessivo; descanso, calma, tranquilidade". Bilac encerra o poema também com um paradoxo ao definir Beleza como "a força e a graça na simplicidade".

De fato, força pode se opor a graça:

- 1. força, isto é, "robustez, vigor físico, energia vital;
- 2. *graça*, isto é "elegância e leveza de formas, do porte e/ou dos movimentos; graciosidade.

Ora, a simplicidade, em sua aquisição, pode resultar de ingente esforço.

Com efeito, nosso autor parnasiano, pontificou e "cigarreou" no Brasil há bastante tempo. Assim, para aqueles que gostam apenas de bibliografia recente e que veem a suprema arte na tecnologia avançada, pode-se brindar com afirmação mais recente e concisa, tornada preceito para Steve Jobs: "A simplicidade é a máxima sofisticação" (Isaacson, 2011: p. 99). O que é recente, na verdade é a forma e a síntese, porque a máxima adviria de Leonardo da Vinci, segundo o mesmo autor. Convém agora atentar às

cigarras laboriosas, formigas cantantes, aos nossos autores açorianos, cujo trabalho apraz considerar, neste momento em que a primavera começa a se anunciar no hemisfério norte.

Colhi<sup>18</sup> os autores, inicialmente, em Chrystello e Girão (1911) – *Antologia Bilíngue de Autores Açorianos*. Contudo, não podia deixar de fora dois autores não focados na obra, mas que me ocuparam bastante desde que frequento estas ilhas queridas. Um deles, Dias de Melo, foi objeto de minha consideração no Colóquio de 2009, aqui mesmo em Lagoa. Do outro, Cristóvão de Aguiar, venho cuidando na tentativa de torná-lo conhecido no Brasil, tarefa de que fui incumbida pelo mesmo Colóquio e que, recentemente, no Colóquio realizado em Santa Maria, 2011, passou para a colega Dina Ferreira a quem devo ajudar. Tabulei<sup>19</sup>, inicialmente, dados da Antologia.

Todavia, mesmo em tabela bastante resumida e localizada, precisei lançar mão de pelo menos mais uma antologia, a *Antologia panorâmica do conto açoriano*, de João de Melo (1978), que percorre um tempo mais dilatado (séculos XIX e XX). Além disso, incluí alguns dados considerados oportunos, obtidos diretamente em obra de autor devidamente citado. São autores ilhéus, embora esteja entre eles um autor angolano, Eduardo Bettencourt Pinto, que viveu em Ponta Delgada e, desde 1983, reside no Canadá.

Publica em jornal e revista açorianos e possui poemas em antologias nos Estados Unidos, Brasil, Portugal, Inglaterra e Letônia. Açorianos todos os demais da *Antologia Bilíngue de Autores Contemporâneos* e os dois da *Antologia Panorâmica do Conto Açoriano*: Álamo de Oliveira, Caetano Valadão Serpa, Daniel de Sá, Eduíno de Jesus, Emanuel de Sousa, Emanuel Félix, Fernando Aires, José Martins Garcia, Marcolino Candeias, Maria de Fátima Borges, Onésimo Teotónio de Almeida, Urbano Bettencourt, Vasco Pereira da Costa, Victor Rui Dores. Os dois constantes da outra antologia já foram acima apontados.

Nas três primeiras colunas da tabela, cada autor tem sua vida datada e localizada. Temos autores de cinco ilhas: Ilha das Flores e Graciosa: com um autor para cada uma; Ilha do Pico, quatro autores; São Miguel, seis autores; Terceira, quatro autores.

Todos os autores analisados nasceram no século XX. O de data mais antiga nasceu em 1925, seguido por um de 1928 e um outro de 1936. Todos os demais, exceto cinco para os quais não aparece tal data, nasceram a partir de 1940, o que justifica sua classificação como contemporâneos, pois a primeira morte registrada só ocorreu em 2002. Assim, produziram até o século XXI.

Na quarta coluna, aparece atividade essencialmente de formiga: constam nela os estudos de cada autor, no tempo de fazer provisões para o futuro, na primavera da vida. Apenas um autor não tem declinados seus estudos.

A produção dos autores como cigarras aparece em quatro colunas da tabela: Outros Trabalhos, Publicações, Antologias e Obras traduzidas.

Na primeira coluna estão referidas as diversas atividades exercidas: funcionalismo público, participação em departamentos de Estado ligados à Cultura, palestras e conferências em terras portuguesas continentais e insulares, na África do Sul, Bélgica, no Brasil, no Canadá, China (Macau), Estados Unidos, Espanha, França, na Guiné-Bissau, Holanda, Inglaterra, Itália, Letônia, Senegal, Venezuela. Conclui-se que o canto das cigarras açorianas esteve em quatro continentes.

Entre atividades diversas aparecem duas mais ou menos estranhas ao canto: serviço militar (referido para dois autores) e serviço em banco. A partir do serviço militar veio o canto através de autobiografia, biografia, memória, diário ou nem tanto (nas palavras de um autor).

A autora que exerceu atividade bancária, além de publicações exerceu atividade de professora universitária e publicou também suas obras literárias.

Na coluna publicações, vemos que o canto se espalhou por artes, mídias e gêneros literários diversos: artigos em jornais e revistas literárias e de artes, coleções turísticas, conto, crítica e teoria literária, crônica, dicionário temático da baleação, ensaio, internet, novela, poesia, rádio, romance, teatro, televisão.

No rol de publicações tabuladas, aparece até uma obra vertida para o Braille, na Biblioteca do Congresso nos Estados Unidos.

Na coluna Antologias não citei aquela que serviu de ponto de partida para minhas considerações, graças à obviedade de tal citação. Tive o cuidado, porém, de apor a Antologia de Melo aos nomes dos dois autores, cujos dados aqui incluídos dela vieram.

Registrei também outras antologias para alguns autores onde foram referidas. Deixei para o fim a atividade que me parece o protótipo da cigarra-formiga (ou da formiga-cigarra).

Falo aqui do magistério, uma vez que o professor trabalha como um mouro, cantando, propagando, explicando, antes mesmo que seu próprio canto, o canto de outras cigarras, na sua e em outras línguas. Apenas um autor aparece sem nenhum registro nesta coluna. Mas sendo consultor de informática, subsidia todo e qualquer professor com um instrumento de trabalho que, em nossos dias, quase ninquém dispensa.

Daqui para a frente passarei a redigir na primeira pessoa, pois atingido o estágio de vida em que me encontro, posso fazer minha a máxima de Pedro Nava – "A experiência é como farol traseiro do carro; só ilumina para trás" – e assumir, como direito adquirido, o uso do eu e do nós.

#### TABELAS:

URBANO BETTENCOURT TAMBÉM NA ANTOLOGIA DE JOÃO DE MELO

	1	T
	Local	Freguesia da Piedade
NASCIMENTO	Ilha	Pico
	Datas	
ESTUDOS	Estudos secundários no Seminário de Angra. Na faculdade de Letras, da Universidade de Lisboa, licenciou-se em Filologia Românica. Fez Curso de Doutoramento na Universidade dos Açores	
MAGISTÉRIO	Português e Francês nas Escolas da Amora, Bela Vista (Setúbal), Lagoa e Antero de Quental de 1980 a 1990.  Desde 1990, leciona da Universidade dos Açores.	
OUTROS TRABALHOS	Participação de Colóquios, Encontros, no país e no estrangeiro, proferindo conferências sobre literatura açoriana e outras literaturas insulares. Viveu, na Guiné-Bissau, como miliciano, na patente de alferes, na guerra colonial. Aderiu ao movimento Glacial do jornal A <i>União</i> .	
PUBLICAÇÕES	Participação de Colóquios, Encontros, no país e no estrangeiro, com conferências sobre literatura açoriana e outras literaturas insulares.	
ANTOLOGIAS		
OBRAS TRADUZIDAS		

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Cristóvão (1994) Passageiro em Trânsito. Lisboa: Salamandra. (2000) – Relação de Bordo II. Porto: Campo das Letras.

CHRYSTELLO, Helena e GIRÃO, Rosário (2011) – Antologia Bilíngue de Autores Açorianos – trad. Chrys Chrystello, Vila Nova de Gaia: Calendário de Letras.

ISAACSON Walter (2011) - Steve Jobs: a biografia. São Paulo: Companhia das Letras.

MELO, João de (1978) - Antologia Panorâmica do Conto Acoriano. Lisboa: Veja.

LOBATO, Monteiro (1976) - Fábulas. São Paulo: Brasiliense.

Presidência do Governo Regional dos Açores Gabinete de Apoio à Comunicação Social – Apresentação de Catarse de Cristóvão de Aguiar e Francisco

† Apresentação de Catarse de Cristóvão de Aguiar e Francisco de Aguiar – Disponível 11/091/2012

PEREIRA, Isidro S.J. (1961) (Dicionário Grego-Português e Português-Grego. 3 ed. Porto: Apostolado da Imprensa

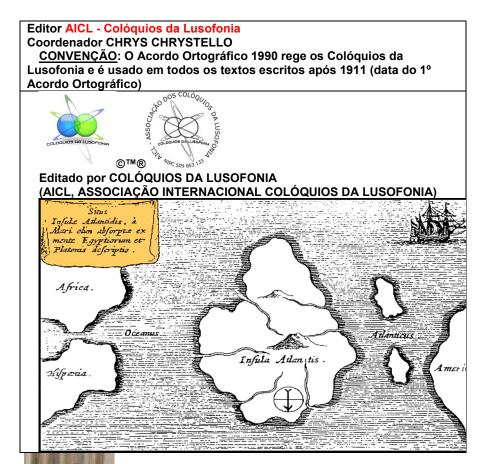
Qdivertido.com.br (2003-2011). Contos infantis, historinhas e fábulas Disponível em janeiro de 2012.



# CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

Suplemento # 11 de junho 2017 URBANO BETTENCOURT

Todas as edições em www.lusofonias.net



Nota introdutória do Editor dos Cadernos,

Os suplementos aos Cadernos Açorianos servem para transcrever textos em homenagem a autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia, pelos seus participantes ou até Pelos próprios autores.

Hoje este Suplemento # 11 é dedicado a MANUEL **URBANO BETTENCOURT** MACHADO